

Sexualidade, erotismo e transgressões da professora primária no romance “Menina que vem de Itaiara” (1996), de Lindanor Celina

Sexuality, eroticism and transgressions of the primary school teacher in the novel “Menina que vem de Itaiara” (1996), by Lindanor Celina

Guthemberg Felipe Martins NERY*
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Laura Maria Silva Araújo ALVES**
Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: O objetivo deste texto é analisar os comportamentos transgressores praticados por uma professora nas vivências de sua sexualidade e erotismo em sala de aula do magistério primário no início do século XX, utilizando a narrativa da professora adjunta Ivanildes, personagem descrita no romance "Menina que vem de Itaiara" (1996), da escritora paraense Lindanor Celina. O romance é ambientado entre os anos de 1920 e 1930, período em que a figura feminina atuante no magistério é representada sob a imagem da “professora ideal”, uma profissional de corpo assexuado e desprovido de qualquer desejo sexual e erótico. A personagem Ivanildes, mulher dona de si, representa a transgressão contra o modelo de professora vigente, pois em sua atuação em sala de aula buscava formas de sentir e expressar suas paixões, seduções, desejos sexuais e atitudes eróticas no ambiente escolar primário de uma pequena cidade do interior paraense.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Erotismo. Transgressões. Professora primária. Lindanor Celina.

ABSTRACT: The objective of this text is to analyze the transgressive behaviors practiced by a teacher in her experiences of sexuality and eroticism in the primary school classroom at the beginning of the 20th century, using the narrative of the assistant teacher Ivanildes, a character described in the novel "Menina que vem de Itaiara" (1996), by the writer from Pará, Lindanor Celina. The novel is set between the 1920s and 1930s, a period during which the active female figure in teaching is represented under the image of the "ideal teacher," a professional with an asexual body devoid of any sexual and erotic desire. The character Ivanildes, a woman in control

* Doutor em Educação através do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Pará, integrado a linha de Educação, Cultura e Sociedade. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2697-3180>

** Psicologia, professora da Universidade Federal do Pará e pesquisadora de História da Infância na Amazônia paraense no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2936-605X>

of herself, represents a transgression against the prevailing model of a teacher, as in her classroom practice she sought ways to feel and express her passions, seductions, sexual desires, and erotic attitudes in the primary school environment of a small town in the interior of Pará.

KEYWORD: Sexuality. Eroticism. Transgressions. Primary school teacher. Lindanor Celina.

À guisa da introdução

No final do século XIX e início do século XX, houve um aumento significativo da participação feminina no mercado de trabalho em instituições de ensino primário no Brasil. A progressiva admissão e presença da mão de obra feminina na sala de aula tornaram aos poucos, a docência primária uma profissão associada predominantemente às mulheres. Um fator que contribuiu para esse fenômeno foi a crença de que a professora, enquanto mulher, possuía o “dom natural” da maternidade e, mediante a um rápido ajuste, desenvolveria as qualidades docentes adequadas; assim, por ser boa mãe, também seria uma boa professora, isto é, uma profissional que educava a infância e a

Iluminava na senda do saber e da moralidade, qual mãe amorosa debruçada sobre as frágeis crianças a serem orientadas e transformadas por ensinamentos que possuíam a capacidade natural de desenhar destinos e alcançar esperanças, coadjuvantes inspiradoras de uma escola que se erigia como transformadora da consciência (Almeida, 2014, p. 58).

Com o massivo ingresso das mulheres no magistério primário, muitos homens decidiram se afastar da sala de aula como docentes, optando por ocupar cargos administrativos da estrutura escolar, como diretores e inspetores responsáveis por estabelecer políticas educacionais. Esse fenômeno, no qual a profissão de professor primário passou a ser associada e exercida predominantemente por mulheres, de acordo com Louro (2002), em seu texto intitulado “Mulheres em sala de aula”, ficou conhecido como feminização do magistério.

Nesse processo histórico de feminização do magistério primário, a atividade docente adquiriu contornos “tipicamente femininos” tais como o cuidado, a sensibilidade, o amor, a paciência, a doação, a afetividade, a vigilância, entre outros. Assim sendo, no âmbito escolar, constituiu-se sobre a figura da docente feminina um conjunto de prescrições normativas que ditavam padrões comportamentais e serviam para “impor barreiras à sua liberdade, autonomia, principalmente em relação à sexualidade” (Almeida,

2014, p. 70). Essa exigência, que visava uma postura discreta, digna e assexuada da professora primária, fez com que ela, em nome da moral ilibada, tivesse seus desejos e sua sexualidade reprimida em sala de aula.

Entretanto, nesse cenário de ingresso massivo das mulheres no magistério primário, também existiram professoras que, em suas atuações escolares, “constituíam as resistências, na subversão dos regulamentos, na transformação das práticas” (Louro, 2002, p. 461). Desse modo, o objetivo deste texto é analisar os comportamentos transgressores praticados por uma professora nas vivências de sua sexualidade e erotismo em sala de aula do magistério primário nos anos de 1920 e 1930, utilizando a narrativa da professora adjunta Ivanildes, personagem descrita no romance “Menina que vem de Itaiara” (1996)¹, da escritora paraense Lindanor Celina.

Para fundamentar nossas posições em relação à mulher na docência, à sexualidade e ao erotismo feminino descrito no romance de Lindanor Celina, apoiamo-nos, especialmente, nos postulados fornecidos por Rose Marie Muraro (1983), Margareth Rago (1985), Guacira Louro (2002; 2003), Elódia Xavier (2007), Mary Del Prior (2011), Jane Soares de Almeida (2014), Heleieth Saffioti (2015) e outros.

Além das considerações iniciais, estruturamos o texto em três partes. Na primeira apresentamos uma análise sobre a sexualidade da professora primária, mostrando como Ivanildes transgrediu as normas escolares vigentes ao manifestar a vivência livre de seu corpo e sua sexualidade em um grupo escolar da cidade de Itaiara. Em seguida, analisamos os comportamentos subversivos relacionados aos desejos corporais e erotismo que a personagem protagonizou no interior da instituição de ensino primário, através de seu relacionando amoroso com o prefeito da cidade. Na última, trazemos algumas considerações finais, destacando as descobertas advindas desse estudo.

1 Transgressões, corpo e a sexualidade da professora primária

Lindanor Celina Coelho de Miranda, ou simplesmente Lindanor Celina, foi professora, jornalista, teatróloga, funcionária do Tribunal de Justiça e escritora. Ela nasceu em Castanhal (PA), mas se mudou ainda criança para a cidade de Bragança (PA),

¹ Apesar de a primeira edição da obra ter sido publicada em 1963, neste estudo, utilizamos trechos da terceira edição, que foi publicada em 1996.

localidade onde se fixou e que, posteriormente, serviu de cenário para inspirar a ambientação de suas obras de ficção. De acordo com Nery e Alves (2023), Lindanor Celina foi uma escritora singular, pois

Ao longo de sua extensa carreira voltada para as letras, escreveu e publicou diversas obras literárias no Brasil e na Europa, produção que vai de romances a crônicas, retratando variados assuntos da Amazônia paraense, e de algumas cidades europeias. Um de suas obras mais reconhecidas é, sem dúvida, o romance *Menina que vem de Itaiara* (Nery; Alves, 2023, p. 159).

O romance “*Menina que vem de Itaiara*”, publicado originalmente pela Editora Conquista no ano de 1963 e reeditado em 1995 e 1996 pela Editora Cejup, é o livro de estreia de Lindanor Celina como escritora. Ele é composto por uma narrativa de 197 páginas, escritas de forma ininterrupta, ou seja, a escritora não usou a divisão tradicional da obra em capítulos. Assim, o leitor é convidado a praticar a leitura da prosa romanesca de uma só vez, ansioso para descobrir o que a narrativa revela.

Em síntese, a narrativa ficcional da obra de Lindanor Celina aborda a trajetória da infância à adolescência da menina Irene em Itaiara, uma pequena cidade do interior paraense que, inclusive, compartilha características similares à cidade de Bragança (PA), como a localização geográfica, as paisagens e cenários, as práticas culturais típicas do local, entre outros aspectos. Na trajetória da menina, personagem principal e narradora da obra, o leitor é apresentado a uma grande variedade de episódios cotidianos, sejam eles banais ou polêmicos, protagonizados tanto por ela quanto pelos divertidos e cômicos habitantes da pequena cidade dos anos 1920 e 1930². Dentre as cenas e situações envolvendo uma profusão de personagens, principais e secundários, interessa-nos, aqui, analisar os comportamentos transgressores envolvendo a manifestação da sexualidade e erotismo da professora adjunta Ivanildes no ambiente escolar primário.

O episódio sobre a professora Ivanildes se inicia quando Irene diz que, ainda menina, com aproximadamente sete anos, foi matriculada no *Grupo Escolar Doutor Brandão* e ingressou nas “primeiras letras, burra, burra. Lá dei com a professora Raymundinha, mais a Ivanildes, sua adjunta” (Celina, 1996, p. 31). Ao iniciar o primeiro

² O período foi delimitado a partir dos tempos históricos aproximados em que a narrativa do romance se passa.

ano do ensino primário, a narradora explica que foi alocada em uma classe composta apenas de meninas e regida pela professora Raymundinha Furtado, uma professora descrita como bondosa, amigável, tolerante e “bem-posta, tão professora” (Celina, 1996, p. 31).

Através das palavras “bem-posta” e “tão professora”, utilizadas para designar a mestra Raymundinha Furtado, observamos Lindanor Celina personificar uma idealização de professora comumente atuante no magistério primário dos anos de 1920 e 1930. Conforme afirmação de Guacira Louro (2002, p. 461, grifos da autora), nas escolas brasileiras do início do século passado, existia todo um investimento político realizado sobre os corpos das professoras através “de múltiplos dispositivos e práticas ia-se criando *um jeito de professora*. A escola era, então, de muitos modos *incorporada* ou *corporificada* pelas meninas e mulheres”.

Este “jeito de professora” do qual fala Guacira Louro (2002), denominamos aqui de “professoras ideais”, isto é, professoras idealizadas a partir de sexualidades e corpos definidos, convencionados e solidificados socialmente. Entendemos que elas são representadas por atuações em sala de aula com poucos indícios de rupturas e, quase sempre, aparecem definidas como profissionais de corpos desprovidos de paixões, desejos e atitudes eróticas no ambiente escolar primário em que estavam inseridas. No texto/contexto do romance de Lindanor Celina, a personagem Raymundinha Furtado e tantas outras docentes são apresentadas sob a percepção de “professoras ideais”. Contudo, o mesmo não pode ser dito da personagem Ivanildes, objeto de nossa atenção e análise.

Segundo a voz da narradora, diariamente, após algumas horas de aula, a professora Raymundinha Furtado saía da sala, deixando-a aos cuidados de Ivanildes, que, na posição de adjunta³, assumia a responsabilidade de “cuidar da classe pelo restante da manhã” (Celina, 1996, p. 33). Com a saída de Raymundinha da classe, a adjunta Ivanildes entra em cena na trama romanesca. Curiosamente, a referida personagem possui poucas falas ou diálogos ao longo de sua narrativa. Desse modo, a percepção e descrição de sua atuação ficam a cargo de Irene, que funciona como uma narradora câmera. Aprendemos

³ Sobre o cargo de professora adjunta no magistério primário, Lopes e França (2018), no texto intitulado “Os grupos escolares no estado do Pará: organização administrativa e pedagógica (1910-1912)”, esclarecem que cabia ao professor adjunto substituir o professor efetivo na regência da classe de ensino no grupo escolar, caso este necessitasse se ausentar de suas atividades em classe.

com Beth Brait (1993) que o narrador câmera corresponde àquele que, em terceira pessoa, narra e descortina progressivamente as formas e ações de um personagem, a quem raramente ou nunca é concedida a palavra, de forma total e avassaladora.

A princípio, Irene se preocupa em descrever os traços que compõem a figura física de Ivanildes como uma mestra tão branca, nova e muito bonita, “apesar do nariz pontudo demais. Mas as mãos, que dedos longos, finos, iguais a cigarros” (Celina, 1996, p. 33). A descrição envolvendo a jovialidade e beleza natural do corpo de Ivanildes destoa das “professoras ideais” representadas por Lindanor Celina em seu romance. Afinal, muitas das “professoras ideais” aparecem personificadas no espaço de trabalho escolar sob o prisma de mulheres com corpos feios, desprovidos de cuidados estéticos, e quase sempre com “cabelos eternamente caindo-lhes pela cara, emaranhados, como se ponte não vissem o dia todo” (Celina, 1996, p. 157).

Sobre a relação entre corpo e contexto de trabalho, Rose Muraro (1983) nos diz:

É na materialidade do corpo que todos os poderes, todos os saberes, todos os prazeres e desprazeres se cruzam. O corpo é a sede tanto da sexualidade como do trabalho e de qualquer outra atividade humana. Pela sexualidade o homem se vincula à natureza animal pelo trabalho se separa dela (Muraro, 1983, p. 22).

Assim sendo, Irene, quando fala de Ivanildes e sua atuação no ambiente profissional de ensino, além de apresentar a docente com características físicas de uma professora jovem e bonita, ela exalta seu cuidado e preocupação com a aparência estética de seu corpo. Diz a narradora que a professora se distinguia por estar comumente com a cabeleira penteada, com traços de maquiagem, exalando um odor perfumado e “bem compridas unhas, cheias de um pó branco, quando apontava as palavras na cartilha, caía sempre um pouco do pozinho da unha” (Celina, 1996, p. 33).

Como é possível observarmos nas poucas linhas narrativas acima destacadas, a adjunta Ivanildes aparece descrita utilizando dispositivos de embelezamento para modificar ou potencializar sua aparência física. Muitos desses recursos, inclusive, concentravam-se no rosto dela — lugar por excelência da beleza — por meio da técnica de maquiagens com pós e possivelmente outros artifícios estéticos, que corrigiam as imperfeições do seu corpo e o tornavam o centro de todas as atenções em seu ambiente de trabalho, isto é, a classe escolar primária.

Curiosamente, Jane Almeida (2014), ao abordar a atuação feminina em sala de aula dos anos iniciais do século XX, nos lembra que os artifícios de embelezamento — maquiagens, batons, esmaltes, entre outros —, assim como qualquer manifestação voltada para acentuar a sensualidade da mulher, eram considerados inapropriados em contexto escolar primário e deveriam ser evitados. Isso porque, na sociedade da época, o perigo associado à mulher docente estava principalmente relacionado à sexualidade. Esse perigo era reforçado pelo que Jane Almeida (2014, p. 63) chama de “pedagogia do temor e da culpa”, ou seja, por um mecanismo de adestramento que visava regular a sexualidade das mulheres para evitar as descobertas do corpo, o exercício da sedução e capacidade de despertar o desejo masculino.

Nessa mesma linha de pensamento, Guacira Louro (2002) também menciona como o regulamento escolar primário buscava praticamente negar a sexualidade das professoras, inculcando um modelo estético de docente constituído a partir de uma figura severa, com poucos sorrisos, rosto fechado e cabelo preso em um coque. No que tange às professoras primárias, consideradas profissionais de moral ilibada, figuravam quase sempre como mulheres assexuadas e “sem atrativos físicos, por vezes quase bruxas, munidas de uma vara para apontar o que está escrito num quadro-negro, quase sempre de óculos” (Louro, 2002, p. 467).

Feita essa ressalva, podemos dizer que mesmo diante do cenário de prescrições normativas escolares que buscavam cercar de salvaguardas o corpo e a sexualidade das professoras em sala de aula, a adjunta Ivanildes tentou subverter às normas impostas ao consumir toda parafernália que a indústria estética da época podia oferecer. Como nos explica Mary Del Priore (2001, p. 114), nas primeiras décadas do século XX, o aparato voltado a beleza corporal feminina foi ampliado, incluindo “receitas de fabrico doméstico, de produtos farmacêuticos ou de artifícios de maquiagem, parecia prometer à mulher a possibilidade de, em não ser bela, tornar-se bela”.

Assim sendo, Ivanildes, não desejando seguir o modelo normativo de corpo assexuado, recorria do aparato estético à sua volta para viver e expressar sua sexualidade livremente. E, conforme indica a voz da narradora Irene, durante o exercício do ensino, a mestra “vivia ajeitando os cabelos, mirando-se e remirando-se no espelhinho da bolsa, passando a língua pelos lábios” (Celina, 1996, p. 33), maquiando o rosto e pintando os lábios. Com suas atitudes, a professora subvertia a norma de corpo feminino submisso,

adestrado e de sexualidade reprimida pela inculcação de “hábitos primários desde a infância. E quanto mais simples esses gestos e hábitos, mais fundamentais, mais determinantes” (Muraro, 1983, p. 23).

Nos idos das décadas de 1920 e 1930, o vestuário feminino aceitável para o exercício do magistério primário prescrevia a utilização de roupas consideradas respeitosas, discretas e com um estilo semelhante, geralmente composto por trajes que lembravam uniformes de cores “escuras, abotoadas e de mangas compridas” (Louro, 2002, p. 466). Contra as normas de controle das aparências impostas na escola primária, a narradora Irene revela que a docente primária Ivanildes, além de usar dispositivos de embelezamento corporal, se destacava das outras professoras do *Grupo Escolar Doutor Brandão* pelo seu estilo de vestir, atuando na classe com roupas de diversas cores e extravagantes, usando a “cada dia, com um vestido diferente” (Celina, 1996, p. 33).

Em um contexto histórico em que as mulheres tinham seu corpo e sexualidade reprimidos, Ivanildes, conscientemente, escolhia usar roupas de vestuário com um estilo próprio e “exibicionista”, criando uma marca pessoal que contrariava o “padrão” de “professora ideal” e indicava seus desejos e anseios. Diante de sua narrativa, fica claro o quanto a docente buscava encontrar sua singularidade fora dos padrões convencionais, pois transgredia a norma escolar vigente e conseguia realizar façanhas acima da estereotipia prescrita ao sexo feminino.

A vivência livre do corpo e da sexualidade de Ivanildes, sublimada através de um repertório de roupas excêntricas e dispositivos de embelezamento, tornava a figura da professora primária uma profissional distinta que buscava o protagonismo de seu próprio corpo para vestir o que desejava. Esse retrato da professora vai ao encontro a uma tipificação de personagem feminina identificada por Elódia Xavier (2007) como a mulher de “corpo liberado”. Segundo a autora, quando uma mulher busca a libertação dos esquemas coercitivos e das repressões que impedem a vivência plena da sexualidade feminina, ela desenvolve uma nova postura em relação à vida e consegue desfrutar dos segredos e prazeres do corpo sem receio de ser discriminada. Isso ocorre porque ela compreende que seu “corpo é um ‘mar’ com seus mistérios, mas é também ‘viagem’ aberta ao desconhecido” (Xavier, 2007, p. 173).

Outro aspecto a trazermos ao presente debate é o fato de Lindanor Celina apresentar uma professora primária que, apesar de expressar autonomia para descobrir os

mistérios do corpo e sexualidade, mostrava-se revestida por uma prática educativa condizente com o que Guacira Louro (2002) intitula de atuação pautada em uma “performance de autoridade”. Essa “performance de autoridade”, prescrevia que as mulheres professoras deveriam ter um estrito controle sobre seus sentimentos para exercerem a autoridade e a disciplina em sua sala de aula. Para a docente alcançar essa atuação, diz a autora:

Ela deveria ser disciplinadora de seus alunos e alunas e, para tanto, precisava ter disciplinado a si mesma. Seus gestos deveriam, ser contidos, seu olhar precisaria impor autoridade. Ela precisaria ter controle de classe, considerado um indicador de eficiência ou de sucesso na função docente até os nossos dias (Louro, 2002, p. 467).

A narrativa literária de Lindanor Celina aponta, sobretudo pelas vias do não-dito, uma prática educativa autoritária da professora para manter o controle da disciplina escolar. No interior da sala de aula, não há indícios de “bagunça”, pois o silêncio e a ordem aparecem como regras constantes, principalmente quando a mestra ensinava sobre “as principais cidades do Pará-capital-Belém” (Celina, 1996, p. 32). Tampouco há no texto romanesco qualquer indicativo de contanto físico da mestra com suas alunas, uma vez que a “performance de autoridade”, pressupunha distância e prescrevia que “a professora não deveria tocar em seus alunos e alunas; abraços e beijos foram, por muito tempo, considerados práticas inadequadas” (Louro, 2002, p. 468).

No entanto, apesar da “performance de autoridade”, a professora demonstrava-se atenciosa e preocupada com a aprendizagem das meninas do *Doutor Brandão*. Sobretudo com Irene, que externava ter dificuldade de aprendizagem e domínio dos cálculos matemáticos devido à sua “deficiência de base” (Celina, 1996, p. 34), o que requeria da mestra um maior cuidado e atenção na condução de seu saber escolar. Outrossim, a narradora ainda evidencia que, a partir dos ensinamentos da professora primária, desenvolveu uma caligrafia admirada por todos no espaço escolar: “Letra, eu tinha razoável, gabada pelos demais professores e colegas” (Celina, 1996, p. 204).

Conforme a narrativa avança, a protagonista relata uma inquietação no comportamento da professora, que destoava de sua “performance de autoridade”. A mestra, quando percebia alguma visita nas dependências do grupo, interrompia a aula, perdia sua autoridade disciplinar e criava nítida “ansiedade nos olhos claros” (Celina, 1996, p. 33), como se estivesse à espera de alguém importante adentrar o interior da sala

de aula. Registrando a inquietante conduta da professora primária, diz a voz de Irene: “Toda vez que rangiam as escadas do velho sobrado, ela ligeiro sobressalto recebia, logo fofava os cabelos com a mão tão alva, rápido consultava o espelhinho, de novo umedecia os lábios, curtos olhares lançando à porta da sala” (Celina, 1996, p. 33).

Na ingente curiosidade de Irene em desvendar a origem do comportamento vertiginoso da professora adjunta, brotaram questionamentos. E, mordendo a ponta do lápis, a menina perguntava-se: “Por que se enfeita tanto?” (Celina, 1996, p. 33). E, mais adiante: “Quem será que ela está esperando?” (Celina, 1996, p. 33). Esse crescente mistério envolvendo a personagem, nos remete aos dizeres de Antônio Candido (2009), quando este diz:

Na verdade, enquanto na existência quotidiana nós quase sabemos as causas, os motivos profundos da ação dos seres, no romance estes são desvendados pelo romancista, cuja função básica é, justamente, estabelecer e ilustrar o jogo das causas, descendo a profundidade reveladora do espírito (Candido, 2009, p. 66).

E não demorou muito para a escritora Lindanor Celina, através da voz de Irene, revelar ao leitor a causa da ansiedade da adjunta Ivanildes. Devido à sua autonomia para vivenciar livremente seu próprio corpo no âmbito do *Grupo Escolar Doutor Brandão*, a professora ganhou notoriedade e admirações que transcenderam as fronteiras da instituição de ensino e chegaram até o prefeito de Itaiara, Dr. Façanha. Ele, como o próprio nome indica, era autor de ações pitorescas ocorridas na cidade que ambienta o romance. No trecho narrativo abaixo, a voz de Irene apresenta ao leitor um levantamento da personalidade do personagem — homem agressivo e sem limites —, seguido sistematicamente por atributos físicos excessivos que indicam sua aparência:

Então aquele era o Dr. Façanha, o falado prefeito, o das descartadas proezas, o que tinha jogado uma pilha na mãe, e por isso era amaldiçoado? O que surrava a mulher, uma coisinha de nada, o de quem o filho, em noturnas arruaças, enchia as famílias de susto e alvoroço? Examinando-o bem, como podia ser tuberculoso tão bem encarnado de cara, o corpão, a voz enorme? (Celina, 1996, p. 33-34).

No rol das proezas do mandatário da cidade, incluía-se também o episódio do relacionamento extraconjugal com a professora primária, ocorrido no interior da sala de aula do *Grupo Escolar Doutor Brandão*.

2 Transgressões, corpo e a manifestação erótica da professora em sala de aula

Em “Menina que vem de Itaiara” (1996), o episódio envolvendo o relacionamento amoroso da professora adjunta Ivanildes com o Dr. Façanha é mencionado quando a narradora Irene conta ao leitor que, em uma manhã em que a sala de aula estava em silêncio e as alunas comprometidas com suas lições, de repente, ouviram o vozeirão de um homem, causando desalinho na classe ao anunciar, em tom estrondoso, um: “Bom-dia, minha gente, como vão às coisas por este templo do saber?” (Celina, 1996, p. 33). A turma se levantou num movimento; era o mandatário de Itaiara, que, sem cerimônias, entrou e sentou-se em uma carteira ao lado da professora adjunta.

Com o ingresso do prefeito na classe, a diretora e outras professoras do grupo o seguiram, todas elas “assanhadas como baratas, corriam, tontas, rabo entre as pernas: ‘Dr. Façanha pra aqui, Façanha pra ali, sente Dr. Façanha, ó Aristides, um fresco, depressa, ao nosso ilustre visitante!’ Punham-se a fazer-lhe roda que nem umas odaliscas” (Celina, 1996, p. 33). Neste trecho narrativo, podemos visualizar Lindanor Celina retratando uma situação escolar que se assemelha à caricatura patriarcal; a figura central do prefeito envolta das mulheres professoras do *Grupo Escolar Doutor Brandão*, o que demonstra o quanto ele, homem portador com poder político, controlava a vida profissional de todas as trabalhadoras da instituição de ensino primário.

Essa cena em questão, quando analisada com mais detalhes, nos leva a refletir o que Margareth Rago (1985) identificou como uma “relação pedagógica paternalista”, ou seja, uma relação de poder desigual existente no ambiente profissional devido à legitimada subordinação da mulher ao homem, tal como acontecia no interior do espaço doméstico. Em direção convergente à “relação pedagógica paternalista”, as professoras do *Grupo Escolar Doutor Brandão*, na condição de profissionais femininas subordinadas à figura masculina, buscavam agradar o Dr. Façanha por meio de curvaturas e bajulações.

Para a menina Irene, as professoras que trabalhavam no grupo, diante da autoridade municipal, se transformavam em figuras inferiores e perdiam “a falsa aristocracia, a débil segurança, ficavam servas, menos que servas” (Celina, 1996, p. 34). Aqui, fica evidente a cerimônia de submissão das figuras femininas ao poder pátrio que, segundo a narradora, poderia ser comparada ao ritual de vassalagem feudal, no qual os

servos, em total sujeição, se ajoelhavam diante de seus suseranos lhe prometendo fidelidade incondicional.

Após finalizar o ritual simbólico de subordinação, a diretora e outras professoras solicitaram licença e saíram da classe de Ivanildes, deixando-a com suas alunas e o prefeito. Neste momento, o mandatário da cidade, sentado em uma cadeira junto da professora, tomava uma postura distinta. Não se via sua atitude espalhafatosa ou se ouvia o barulho de seu vozeirão, mas sim um comportamento galanteador, seguido de uma fala em tom suavizado, quase como um sussurro. A docente primária, por sua vez, na presença de Dr. Façanha também assumia uma postura diferente em sala de aula.

Em relação à percepção de uma mudança no comportamento de Ivanildes, Irene levanta alguns questionamentos: “Que coisas lhe dizia que, de tão alva, se punha de repente tão rosada? Que poder sobre ela exercia que, enquanto ali ficava, a professorinha, de ordinário ciosa de seu primeiro ano, inimiga de ruídos, exigente na disciplina, alheava-se por completo de nós, da classe inteira?” (Celina, 1996, p. 34). No trecho narrativo assinalado, a narradora questiona, com extrema ironia, como a professora primária, exigente e cuidadosa com a disciplina durante as aulas, ficava propensa ao poder de sedução exercido por aquele homem, a ponto de não conseguir disciplinar a si mesma.

Na relação interpessoal com o Dr. Façanha, a mestra Ivanildes, sentindo-se desejada, perdia o controle das suas emoções e dispensava a “performance de autoridade” para desfrutar dos prazeres da aspiração sensual e erótica. Nesse momento, percebemos que a docente assume o retrato inflamado do “corpo erotizado”, conforme descrito por Elódia Xavier (2007, p. 158), como o corpo feminino descrito na literatura e “que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações, a vivência de uma experiência erótica”.

A narradora Irene assevera que a professora Ivanildes, aparentemente atraída pelos encantos do Dr. Façanha, ignorava a presença das alunas na sala de aula, “como se não mais estivéssemos ali, e só aquele homem existisse no mundo” (Celina, 1996, p. 34). Em outro momento, Irene enfatiza que a mestra deixava as crianças à vontade na classe para “cair na insubordinação, virar a sala a frege, que ela não estava ligando” (Celina, 1996, p. 34). O interessante da docente é que ao se entregar aos anseios do “corpo erotizado”, ela deixava de lado completamente as atividades escolares para desfrutar de sua relação amorosa com o prefeito da cidade.

Durante a visita, Dr. Façanha permanecia sentado ao lado da adjunta Ivanildes por uma boa parte da manhã, e “dava de falar baixinho, quase aos cochichos, a cadeira junto, bem juntinha à dela” (Celina, 1996, p. 34). Os comentários do personagem masculino no ouvido da professora, de acordo com os indícios apresentados, tratavam de assuntos íntimos e promessas “picantes”. Isso porque a docente, à mercê das declarações ardentes e investidas sexuais do mandatário da cidade, demonstrava uma repentina vertigem corporal, um corado no rosto e uma visível excitação nos olhos, que estavam compenetrados no homem. E numa atitude sensual, ela retribuía quando “emudecia os lábios” (Celina, 1996, p. 33). Em meio a esse jogo erótico de conversas amorosas, Irene e as demais alunas ficavam atentas à cena libidinosa que se desenhava na sala de aula.

Quando o prefeito saía da classe, a professora apresentava uma perceptível sensação de frustração devido o ato desejado — experimentação do beijo ao intercuro sexual — não ter sido realizado plenamente. Pois, em algumas situações, o “corpo erotizado feminino não consegue experimentar uma “fonte de prazer pleno, mas apenas de promessa não cumprida” (Xavier, 2007, p. 165). Dessa forma, ela retomava sua “postura de autoridade” para continuar o exercício do magistério primário: “acabada a visita, refeita do enleio, aos deveres se entregava. Assumia-se. Cem vezes podia a escada ranger, fora-lhe a ansiedade. Aí, sim, se ocupava bem de nós” (Celina, 1996, p. 34).

No episódio entre Ivanildes e Dr. Façanha, devemos salientar o quanto a manifestação do erotismo parecia surpreendente para o contexto da época, sobretudo por acontecer em um espaço de educação formal. A professora, inclusive, estava sujeita a riscos graves ao tentar viver a experiência erótica e o anseio sexual de forma pública. Ela arriscava a sua reputação moral, pois “embora tivesse clitóris, à mulher só cabia uma função: ser mãe” (Del Priore, 2011, p. 34), ou seja, deveria sufocar qualquer necessidade sexual em prol do dever de servir e procriar. Outrossim, corria o risco de perder o emprego, uma vez que todas as ações que visassem explorar ou exercer a sexualidade feminina no âmbito escolar primário “costumavam ser severamente punidas” (Almeida, 2014, p. 64). Contudo, a carne era frágil e o desejo de experimentar os prazeres do corpo era tão intenso que a mestra ousava desafiar e transgredir as normas vigentes.

Assim sendo, a professora primária, ignorando o pudor que cercava de salvaguardas os assuntos sexuais, bem como os perigos que sua exposição poderia trazer à mulher, decidiu, conscientemente, continuar com os calorosos encontros com o Dr.

Façanha, o que fez com que as alunas não mais se espantassem com a inusitada situação protagonizada dentro da classe. Sobre as visitas constantes da autoridade municipal ao grupo, à sala da professora, conta a voz narrativa: “Ele começava pela nossa sala, seguia pelas outras, recebendo incensos, sorriso, curvaturas, o ‘nosso ilustre visitante’. Acabado o giro, aliás rápido, voltava ao primeiro ano, vinha sentava-se ao pé da adjunta” (Celina, p. 1996, p. 34). Ao chegar, a sala de aula da adjunta se convertia em um local privilegiado para encontros, com gestos e comentários inusitados entre a professora e o prefeito.

Como já ressaltamos, o Dr. Façanha era casado. No romance em questão, a esposa não possui um nome próprio e é descrita apenas como uma “coisinha de nada” (Celina, 1996, p. 33). Esta breve descrição da personagem nos permite inferir o quanto a esposa era subjugada e devota aos comandos do marido e provedor familiar. Nessa mesma direção, Mary Del Priore (2011) apresenta uma explicação sobre a divisão de papéis desempenhado por homens e mulheres nas instituições matrimoniais e familiares:

Os maridos deveriam se mostrar dominadores, voluntariosos no exercício da vontade patriarcal, insensíveis e egoístas. As mulheres, por sua vez, apresentavam-se como fiéis, submissas, recolhidas. Sua tarefa mais importante era a procriação. É possível que os homens tratassem suas mulheres como máquinas de fazer filhos, submetidas às relações sexuais mecânicas e despidas de expressões de afeto (Del Priore, 2011, p. 45).

Diante do assinalado acima, é presumível que a esposa de Dr. Façanha mantinha relações sexuais voltadas apenas à procriação e desprovidas de manifestações eróticas, tendo em vista que “uma mulher de princípios nada devia saber sobre sexo” (Del Priore, 2011, p. 87). Reforçando essa linha de pensamento, Heleith Saffiot (2015, p. 24), em sua obra intitulada “Gênero, patriarcado e violência”, sustenta que as mulheres unidas pelo laço matrimonial assimilavam a moral de ter relações sexuais com seus parceiros, não para desfrutar qualquer tipo de prazer, mas sim para a procriação.

Dessa forma, podemos presumir que, o prefeito, em sua residência, mantinha-se fiel às suas funções de marido e, seguindo a moral sexual do sacramento, tinha relações sexuais regradas e contidas com a esposa. Enquanto isso, na sala de aula do grupo escolar, experimentava um envolvimento extraconjugal com Ivanildes e a possibilidade de manifestar e viver o desejo impulsivo do prazer advindo das fantasias eróticas. Assim, ele não poupava esforços para direcionar à professora primária toda sorte de galanteios,

palavras amorosas e convites inusitados para a fornicação. Ela, como não se enquadrava nos padrões de moralidade sexual da época, parecia ceder às propostas “proibidas”.

É importante pontuarmos que a narrativa romanesca de Lindanor Celina em nenhum momento apresenta, de maneira explícita, os motivos que levaram a docente primária a subverter as normas escolares e viver sua sensualidade intensamente com o prefeito de Itaiara. Essa ausência de explicação provoca no leitor a reflexão sobre três aspectos do erotismo que se manifesta em sala de aula. O primeiro aspecto a ser considerado é que Ivanildes desejava apenas ser dona de seu próprio corpo e obter prazer através do ato sexual com o personagem masculino, sem qualquer dependência emocional, finalidade reprodutiva ou necessidade de se submeter aos mandos de um cônjuge. Afinal, Elódia Xavier (2007, p. 158) nos lembra que “o corpo erotizado pode ou não estar envolvido pelo amor, mas estará, seguramente, vivendo sua sexualidade”.

O segundo aspecto passível de dedução é o amor que a professora sentia pela figura de Dr. Façanha, o que a fez se arriscar a abusar do erotismo na sala de aula. Talvez, para ela, seu amado não apresentava nenhum defeito, apesar de Irene constantemente o descrever como uma figura perniciososa, repulsiva, escandalosa e agressiva. Nas palavras da narradora, aquele homem figurava como um “paxá pançudo e vermelho, de voz tronitroante!” (Celina, 1996, p. 34).

O terceiro aspecto, e que coloca a adjunta Ivanildes em uma posição degradante, é que sua relação sensual com o prefeito da cidade não visava a aquisição de amor ou satisfação sexual, mas apenas o prestígio financeiro. Isso porque, “as mulheres jovens sem bens e que não haviam conseguido casamento numa terra de estreito mercado matrimonial encontraram no homem mais velho, mesmo casado, um amparo financeiro ou social de que precisavam” (Del Priore, 2011, p. 66). Essa consideração, inclusive, apresenta a professora primária como uma mulher que usava sua beleza jovial e sensualidade como meio de ascensão social.

Ao que tudo indica, as “professoras ideais” presentes no *Grupo Escolar Doutor Brandão* tinham conhecimento do envolvimento íntimo do prefeito com a adjunta, mas não ousavam expressar publicamente suas opiniões de condenação. Decerto por receio da posição social de Dr. Façanha como uma autoridade que mandava na cidade e nas pessoas que nela habitavam. Como afirma a voz de Irene: “Ele manda na gente, nas professoras, manda no grupo [...] manda na cidade toda!” (Celina, 1996, p. 33). Ou ainda, por se tratar

de uma figura masculina, “dotado de razão, símbolo da força e da coragem, princípio objetivo da humanidade, ativo e poderoso” (Rago, 1985, p. 66), e cujas ações deveriam ser respeitadas e jamais questionadas.

A condenação, inicialmente, foi ouvida no contexto familiar. A narradora revela que o filho do prefeito teve uma série de desentendimentos com o pai, chegando a quase bater nele. Diz a voz de Irene: “Até o filho, terror das pacatas famílias pelas arruaças noturnas, dera em criticar o pai. Viviam os dois às turras, chegando quase a bater-se. Ficaram mal de fogo a sangue [...]” (Celina, 1996, p. 57). A esposa também reprovava a violação conjugal de Dr. Façanha, porém sofria em silêncio. E, quando tentava levantar questionamentos sobre as ações do marido, recebia tapas, socos e toda a sorte de agressões. Discorrendo sobre a relação de poder entre o homem e a mulher, Saffiot (2015) assevera que, no âmbito familiar, o poder tem duas faces: a da potência e a da impotência. A autora diz que a mulher está familiarizada com esta última, mas não é o caso dos homens que, acreditando estar sob o efeito da impotência, usam a violência para demonstrar que têm o poder.

Diante da crescente violência do Dr. Façanha contra sua esposa, surgiram as primeiras vozes das “professoras ideais” do *Doutor Brandão* em reprovação aos encontros do homem com a adjunta: “Por causa da Ivanildes – diziam – mais frequentes as tundas que dava na mulher” (Celina, 1996, p. 57). É interessante observarmos, neste trecho narrativo, que a condenação propagada pelas professoras se concentrou apenas na figura de Ivanildes, como se a adjunta fosse a grande responsável pelos atos violentos de Dr. Façanha. Ainda é possível que a professora fosse considerada o principal motivo pelo qual o prefeito estivesse rompendo os votos matrimoniais com a esposa.

Posto isso, consideramos que Lindanor Celina cria um enredo narrativo com enunciados explícitos e implícitos de denúncia à visão dominante de um discurso patriarcal e moralista que considerava as mulheres — aliás, como ainda considera — como “vilãs” da relação, sendo o motivo gerador dos desequilíbrios familiares e fracassos matrimoniais dos homens. Com esse mesmo pensar, Almeida (2014) argumenta que, historicamente, o discurso patriarcal e moralista, fundamentado em arquétipos do cristianismo, associou a imagem da mulher de corpo não casto e abnegado à figura da maldade, perfídia e decadência. Essas mulheres consideradas desviantes, carnaís e pecadoras, conduziam os homens à corrupção do caráter e do corpo.

Outrossim, a referida narrativa contida em “Menina que vem de Itaiara” (1996) mostra a situação penosa de muitas mulheres casadas diante de uniões infelizes, uma vez que foram instruídas a fazerem sacrifícios em nome da tal “felicidade conjugal”, ou seja, do cuidado e da preservação dos laços matrimoniais e familiares. Muitas dessas mulheres, donas de corpos assexuados e agredidos dentro de casa, suportavam sua dor e sofrimento em silêncio.

Retomando o episódio sobre a adjunta Ivanildes, a narradora explica que o escândalo dos encontros eróticos da professora primária com Dr. Façanha, fez com que ela optasse por dois caminhos: romper ou assumir o relacionamento proibido com o prefeito. E consciente da autonomia para fazer o que bem entendesse com seu corpo, da aceitação de si mesma, decide resistir ao falatório e prosseguir com a relação proibida. Isso fica muito claro na passagem narrativa em que a voz de Irene assinala:

Desde que passara para o segundo ano, deixei de ver esse namoro. Ele continuava a aparecer pelo grupo, interrompendo as aulas, sobressaltando a classe, metendo medo aos meninos. Acabado o giro habitual, era no primeiro ano que se detinha. Mas do chamego, nessa fase, já disse, notícia não dou, não os via mais. Mas que falavam, oh, como falavam! (Celina, 1996, p. 57).

Contrariamente às vozes de condenação das “professoras ideais”, a mestra Ivanildes decide atentar contra a “moral e dos bons costumes” ao assumir o relacionamento amoroso com o Dr. Façanha e viver como uma “outra”. Assim, ela estabelece um rompimento com as concepções sociais subjacentes ao corpo feminino, pondo em cheque um relacionamento fora dos padrões vigentes de sua época. No *Grupo Escolar Doutor Brandão*, a professora adjunta ficou “mal falada” e passou a ser vista como uma concubina do prefeito, já que as vozes comentavam: “o xodó do prefeito Façanha com a branca, doce Ivanildes” (Celina, 1996, p. 57). Contudo, enquanto uma mulher de altivez e coragem, não se deixou inferiorizar facilmente pelas hostilidades coletivas, tão pouco denotou qualquer forma de arrependimento sobre suas decisões consideradas “desviantes”.

A mestra Ivanildes, como sujeito de suas próprias ações, assume o papel de amante do prefeito, e o poder e o prestígio dele a ajudaram a manter o seu cargo de professora adjunta no grupo escolar de Itaiara. Além disso, possivelmente, ela também obteve acesso a recursos financeiros e luxos proporcionados pelo mandatário da cidade,

conforme explicado por Del Priore (2001, p. 66): “ser ‘teúda e manteúda’ de um homem importante implicava galgar degraus, ganhar *status* econômica que outra maneira não existiria”.

A conclusão desta narrativa demonstra que, devido ao escândalo envolvendo o relacionamento extraconjugal do prefeito com a adjunta, o conflito familiar na residência de Dr. Façanha se agravou significativamente. O pai e o filho romperam com os laços familiares que tinham e “ficaram mal de fogo a sangue, e o rapaz ia-se embora para o Rio, mas levando a mãe, farta de sofrer e passar vexames” (Celina, 1996, p. 57). Aqui, vemos Lindanor Celina acentuar o declínio do patriarcado, com a mulher libertando-se do casamento e pondo fim aos abusos domésticos e conjugais do marido opressor.

O Dr. Façanha, sozinho, decidiu viver com a professora Ivanildes, retrato inflamado do “corpo erotizado”. No entanto, com o decorrer dos anos, o personagem masculino, conforme indica a voz de Irene: “mais louco se fazia. Suas artes primavam pelo absurdo” (Celina, 1996, p. 164). Essa intensificação da loucura do prefeito mencionada pela narradora se manifesta através de insultos e surras públicas contra aqueles que não obedeciam às suas ordens, ou ainda pelo crime ambiental de ordenar o aterramento dos rios que cortavam a cidade e que influenciavam, de certa forma, o ritmo da vida local, já que muitos homens e mulheres retiravam seus recursos de suas águas.

Por fim, o Dr. Façanha adquiriu uma doença grave, que o fez abandonar a cidade de Itaiara e seguir “para o Rio de Janeiro e lá se foi cegando, até a escuridão total” (Celina, 1996, p. 166). A falta de visão do mandatário pode representar, ironicamente, a punição tanto para ele, que estimava prestigiar a sensualidade da professora adjunta, quanto para ela, que apreciava ser alvo de admiração e de fantasias eróticas. Dado que o romance não revela o desfecho de Ivanildes, podemos supor que ela abandonou o magistério primário em Itaiara e foi para o Rio de Janeiro com o Dr. Façanha a fim de cuidar dele nos dias que lhe restaram. Entre as diversas interpretações possíveis sobre o destino da sensual professora primária, apenas estaremos limitados a esta.

À guisa da conclusão

A análise da obra de ficção “Menina que vem de Itaiara” (1996), especialmente no que diz respeito à narrativa de Ivanildes, indica a existência de professoras primárias retratadas a partir de corpos e sexualidades definidos e solidificados, tendo suas atitudes

eróticas e sentimentos reprimidos por normas vigentes no ambiente profissional escolar dos anos de 1920 e 1930. Os resultados sugerem ainda que o controle e a submissão dos corpos das professoras ultrapassavam os limites da escola primária e alcançavam o espaço privado do lar, inclusive do leito conjugal das mulheres de Itaiara, como no caso da esposa do Dr. Façanha.

No entanto, o texto ficcional de Lindanor Celina demonstra que regras e advertências em defesa da “moral e dos bons costumes” não foram suficientes para barrar algumas mulheres que subvertiam ao padrão de “professora ideal” estabelecido socialmente. No episódio da professora adjunta Ivanildes, a escritora fornecesse indícios da existência de uma mestra com pensamento e postura diferente da prescrição normativa sobre o corpo e a sexualidade da docente primária na época. Através de comportamentos transgressores envolvendo atos de sedução, ela revelou maneiras de cuidar e amar o corpo feminino e suas expressões de prazer. Outrossim, também sinalizou como a professora reivindicava a autonomia sobre seu corpo para viver e expressar sua sexualidade de forma livre e plena, inclusive com atitudes eróticas em sala de aula.

Ao partimos da observação de que a personagem corresponde a “uma composição verbal, uma síntese de palavras, sugerindo certo tipo de realidade” (Candido, 2005, p. 78), consideramos Ivanildes uma mulher que representa de maneira eficaz a realidade da professora primária que, nos decênios iniciais do século passado, conseguiu ter protagonismo em relação ao próprio corpo, inclusive inserindo uma nova ordem de agir na escola e revelando oportunidades de mudanças da condição de prazer com o próprio corpo antes raramente consentido. Além dela, Lindanor Celina criou outras personagens femininas que buscavam transgredir as normas escolares vigentes; contudo, esse é um debate para outros estudos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares. Mulheres na educação: Missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. *In*: SAVIANI, Dermeval. [et al]. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 3. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2014, p. 55-100.

BRAIT, Brait. **A personagem**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In*: CANDIDTO, Antonio. [et al]. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 9-50.

CELINA, Lindanor. **Menina que vem de Itaiara**. 3. ed. Belém, Cejup, 1996.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORE, Mary. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 443-509.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 07-35.

LOPES, Mário Allan Silva; FRANÇA, Mária do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de. Os grupos escolares no estado do Pará: organização administrativa e pedagógica (1910-1912). *In*: FRANÇA, Mária do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de; LOBATO, Sidney; NERY, Vitor Sousa Cunha (Orgs.). **História da educação na Amazônia: múltiplos sujeitos e práticas educativas**. Curitiba: CRV, 2018, p. 109-127.

MURARO, Rose Marie. **A sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil**. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1983.

NERY, Guthemberg Felipe Martins; ALVES, Laura Maria Silva Araújo. Discursos da Mulher prostituta em Menina que vem de Itaiara. **Gênero na Amazônia**, Belém, v.1, n. 23, p. 157-168, jan./jun.,2023. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpa.br/>> Acesso em: 10 jan. 2023.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SAFFIOT, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.